

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

RESENHA TEMÁTICA

UMA VIDA, UMA EXPERIÊNCIA, UM DEPOIMENTO DO SÉCULO XX

Wellington dos Santos Figueiredo*

Resumo

O presente texto comenta a autobiografia do historiador inglês Eric Hobsbawm. Utilizando-se de sua ciência, a história, o autor narra às experiências vividas durante o século XX.

Palavras-chave: Eric Hobsbawm, História, Século XX, Autobiografia, Sociedade.

Abstract:

The present text comments the of the self biography english historian Eric Hobsbawm. Using itself of its science, history, the author tells to the experiences lived during century XX.

Key words: Eric Hobsbawm, History, 20th century, Self biography, Society.

*Geógrafo. Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Bauru; do Comitê Editorial da *Revista Ciência Geográfica*; do Conselho Editorial da *Revista Cosmos*; Co-editor do informativo *O Espaço do Geógrafo*. Mestrando do programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática (FAAC) Universidade Estadual Paulista – UNESP – Bauru – SP. E-mail: wellisfig@neobiz.com.br

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

“A História nunca muda. O que muda sempre são os historiadores”.

Aléxis de Tocqueville (1805-1859), historiador norte-americano.

O vocábulo *história* possui origem grega. Seu significado está atrelado à informação, observação. Na Grécia antiga cunhava-se de *hístōr* uma pessoa dotada de grande cultura. A ação de aquisição de conhecimentos por meio de um *hístōr* era classificada de *historiā*.

Obviamente que a história é algo mais do que apenas observar. Compreender a história é analisar as múltiplas relações sociais protagonizadas pelos seus atores, focalizando-as na arena do tempo e do espaço.

Uma vantagem que alguns historiadores possuem é a de testemunhar fatos. Ao relatá-los o historiador traduz sua visão dos acontecimentos e a construção do cenário em que os atos foram encenados.

É nessa esteira de raciocínio que a obra *Tempos Interessantes: uma vida no século XX*, de autoria do historiador Eric Hobsbawm ganha relevo. O livro é uma autobiografia em que Hobsbawm narra suas experiências e interpretações do século que coincide com sua vida. Por mais profunda que seja sua experiência, o historiador não deve se cobrir de verdades inquestionáveis, transformando seu trabalho em dogma. O autor esclarece nas páginas iniciais que sua obra está a júri tanto da história quanto de seus leitores. “O que busco é o entendimento da história, e não concordância, aprovação ou comiseração” (p.11), sentencia Hobsbawm.

No início do livro o autor retrata sua infância, descrevendo as emoções vividas com seus amigos e familiares e seu contato com as letras durante os primeiros anos escolares. Os episódios nos remetem em uma viagem ao florescer do século XX. É possível conhecer o cotidiano das sociedades européias por intermédio dos costumes exercidos pela população.

A infância de Hobsbawm foi marcada por circunstâncias dolorosas. Problemas financeiros, o pai morto aos 48 anos vitimado por um ataque cardíaco e a mãe levada à tumba por uma doença pulmonar aos 36 anos, são alguns dos nefastos acontecimentos pelos quais passou.

A efervescente década de 1930 vivida em Berlim foi decisiva para a composição ideológica de Hobsbawm. Permeado pelo nacionalismo-alemão, a perseguição aos judeus o autor testemunhou

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

o advento do Terceiro Reich. Ao chegar à Alemanha, Hobsbawm já se sentia atraído pelas teorias comunistas, mas foi em solo alemão que a doutrina lhe ganhou raízes. Segundo o autor: “Num vasto guia enciclopédico da literatura alemã contemporânea descobri os poemas (diferentes das canções e peças) de Bertold Brecht. E foi à biblioteca da escola que um professor exasperado – seu nome era Willi Bodsch (...) – me encaminhou, quando anunciei minhas convicções comunistas. Ele me disse com firmeza (e estava correto): ‘O senhor visivelmente não sabe o que está dizendo. Vá à biblioteca e estude o assunto’. Foi o que fiz, e descobri o *Manifesto Comunista*” (p.71). Mas à frente Hobsbawm concretiza a escolha ideológica: “Os meses que passei em Berlim me tornaram comunista para o resto da vida (...) O sonho da Revolução de Outubro ainda está em algum lugar dentro de mim, assim como um texto apagado no computador lá permanece, à espera de que os técnicos o recuperem dos discos rígidos” (p.73). A simpatia pelas teorias marxistas, fez de Hobsbawm um jovem militante. O campo de atuação escolhido foi a SSB (*Sozialistischer Schülerbund* – Federação Socialista dos Estudantes), órgão de atuação contrária aos ideais nazistas. Contudo, sua militância marxista perdeu fôlego quando se mudou para Inglaterra.

Anos depois, ao ingressar na Universidade de Cambridge, a ação política florescia novamente. Daí em diante pôde ver sua concepção marxista amadurecer. “Meu marxismo se desenvolveu como uma tentativa de compreender as humanidades” (p.116) confessa Hobsbawm.

O autor descreve aspectos que compunham a cartilha comunista à época. Entre outros fatores estavam à cega devoção ao Partido Comunista (sempre mencionado com letras maiúsculas), transformação de teorias em dogmas e o Partido estava acima de qualquer projeto social. Muitos colocaram a vida em sacrifício pela causa. Assim Hobsbawm narra trechos que ilustram aqueles momentos: (...) “(Naquele tempo, a idéia de Stalin entre os comunistas estrangeiros era tão sincera, tão natural, tão imaculada pelo que se soube depois, e tão universal quanto genuína dor que sentimos em 1953 por ocasião da morte de um homem que nenhum cidadão soviético desejaria – ou ousaria – chamar por um apelido como ‘tio Joe’ na Inglaterra ou ‘Bigodudo’ [Baffone] na Itália). Nossas vidas eram para o Partido. Dávamos tudo o que tínhamos e recebíamos de volta a certeza de nossa vitória e a experiência da fraternidade” (p.155-156).

O mundo mal recolhia os mortos da Segunda Guerra Mundial quando ingressa em outro momento sombrio: a Guerra Fria. Durante esse período, o mundo dividiu-se em áreas de

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

influências norte-americana (capitalista) e soviética (comunista). A vigilância ideológica neste momento histórico era constante.

Mesmo sob certa reserva, as diferenças de coibição ideológica na Inglaterra não assumiram o grau de histeria do macarthismo norte-americano. Dentro do Partido Comunista inglês era possível desfrutar de fraternidade. “... O Partido era o único lugar em que judeus e árabes se misturavam como amigos e iguais” (p. 207). Contudo, o fantasma da censura assombrava os comunistas como relata Hobsbawm: “... não há dúvida de que o princípio da liberdade de expressão não se aplicava ao comunismo e às opiniões marxistas, pelo menos nos meios oficiais de comunicação” (p. 207). Defender o comunismo, segundo o autor, ainda era motivo de exclusão por meio de seus pares intelectuais conforme mostra a seguinte passagem: “O que tornava intolerável à retórica dos liberais da Guerra Fria era sua convicção de que todos os comunistas eram simplesmente agentes do inimigo soviético e de que portanto nenhum comunista poderia, de boa-fé, ser membro da comunidade intelectual” (p. 208).

Interrogações permearam o cotidiano de intelectuais comunistas na década de 1950. Dois fatos foram protagonistas deste ato: a morte de Stalin (1953), e a realização do XX Congresso do Partido Comunista (1956), evento em que Nikita Kruchev tornou público os crimes stalinistas. “Existem dois ‘dez dias que abalaram o mundo’ na história do movimento revolucionário do século passado: os da Revolução de Outubro, descritos no livro de John Reed com esse título, e o XX Congresso do Partido Comunista soviético (14-25 de fevereiro de 1956). Ambos dividem repentina e irrevogavelmente em ‘antes’ e ‘depois’. Não posso imaginar nenhum acontecimento comparável na história de qualquer movimento ideológico ou político importante. Em poucas palavras, a Revolução de Outubro criou um movimento comunista internacional; o XX Congresso o destruiu” (p. 226).

Mesmo sobre os escombros do XX Congresso o ideal comunista resistia. Contudo, a própria incoerência presente entre seus membros fragilizam a ideologia. As atrocidades cometidas por governos comunistas eram conhecidas e raramente condenadas por seus cúmplices.

Deste enfraquecimento Hobsbawm assinala um exemplo político que aconteceria na Inglaterra décadas depois: a ascensão de Margareth Thatcher ao comando do país. Segundo o autor “o triunfo de Thatcher é um subproduto da derrota dos trabalhistas” (p. 297). A derrota dos adversários ilustrou pura e simplesmente “... a simples recusa de alguns da esquerda e olhar de

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

frente os fatos desagradáveis”. (p. 297). Assim a Inglaterra pode presenciar que o Stuart Hall classificou como “O Grande Show Ambulante da Direita” (p.303).

Mesmo com o fracasso visível do comunismo real, Hobsbawm sempre faz questão de desfaldar sua bandeira. Aponta que a derrota e esfacelamento do principal país comunista do mundo não significam a vitória do capitalismo. “O mundo ainda pode vir a lamentar, confrontado com a alternativa de Rosa Luxemburgo entre socialismo ou barbarismo, que tenha optado contra o socialismo” (p.310), arremata o historiador em tom nostálgico e utópico.

Hobsbawm não se limitou apenas à Inglaterra. Sua vida acadêmica ultrapassou continentes. Lecionou nos Estados Unidos. Fez visitas e pesquisas na América e África.

Esteve no Brasil durante o Governo Militar. Desta experiência em nosso país narra as seguintes impressões: “(...) fui convidado para dar uma palestra em 1975 sobre um tema vagamente definido como ‘História e Sociedade’ na universidade sobre a qual tinha sido consultado, cujo corpo discente – talvez não surpreendentemente – era apaixonadamente hostil ao regime. Isso não era um acaso. A imprensa, que dedicou espaço desproporcional a um acontecimento acadêmico na província, embora de maneira nem sempre precisa (*O Estado de S. Paulo* me caracterizou como ‘irlandês de nascimento’), exagerou em dar ênfase à minha ‘formação marxista’. Na verdade, como me disseram jornalistas amistosos, em meados dos anos 70 o regime começara a relaxar um pouco, e a conferência de Campinas foi parte de um esquema mais amplo para testar a medida de liberalização que se dispunha a tolerar. Que teste mais eficaz poderia haver do que anunciar o convite a um conhecido marxista, alguém cujas idéias não acadêmicas seriam provavelmente aplaudidas com entusiasmo pelos estudantes – como na verdade foram – e dar considerável publicidade ao acontecimento? Esse foi um exemplo característico da admirável combinação brasileira de coragem cívica e inteligência, jamais aceitando a ditadura e jamais deixando de pressionar além do limite da tolerância. É verdade que os generais brasileiros não eram tão sanguinários como outros na América Latina, mas o regime tinha as mãos sujas de sangue e havia risco de prisão e tortura. Mas a oposição calculara bem: o regime estava pronto a ceder” (p. 338). (...) “Ninguém que descubra a América Latina consegue resistir à região, sobretudo se o primeiro contato for com os brasileiros” (p. 403).

O autor esbanja simpatia pelos Estados Unidos governado por Franklin Delano Roosevelt e seu Estado de Bem-Estar Social. Porém, o charme à terra do Tio Sam é pontual. Hobsbawm tece

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

críticas ao comentar a sociedade norte-americana. Diz-se feliz porque seus filhos não foram criados nesse país. Sobre o modelo de sociedade estadunidense comenta: “Nosso problema não é que nós estejamos americanizados. Apesar do fortíssimo impacto da americanização cultural e econômica, o resto do mundo, e até mesmo o mundo capitalista, até agora tem mostrado surpreendente resistência a seguir o modelo de sociedade e da política americanas. Isso ocorre provavelmente porque a América é menos um modelo social e político coerente, e portanto exportável, de democracia capitalista liberal, baseado em princípios de liberdade individual, do que sugerem sua ideologia patriótica e Constituição. Por isso, longe de ser um exemplo claro, capaz de ser imitado pelo resto do mundo, os Estados Unidos, ainda que poderosos e influentes, continuam a ser um processo inacabado, distorcido pelo poder do dinheiro e pela emoção pública, de manipulação das instituições públicas e privadas a fim de se fazê-las adequar-se a realidades imprevisíveis o texto intolerável de uma Constituição de 1787” (p.446).

Na última frase de sua autobiografia Hobsbawm deixa a seguinte mensagem: “O mundo não vai melhorar sozinho” (p. 455). É um alerta. Um convite de um historiador que testemunhou grande parte dos acontecimentos que marcaram o século XX. E pode dizer com segurança que as sociedades caminham para a direita, para a esquerda, para frente e para trás.

Referência

HOBSBAWM, Eric. Tempos Interessantes: uma vida no século XX. Tradução: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 486 páginas.